



proudhon com *verve*

nu-sol

Pierre-Joseph Proudhon habita as páginas de *verve* desde seus inícios. O interesse sobre o inventor do sentido contemporâneo da palavra *anarquia*, no entanto, provém de muito antes, da inaugural apresentação do anarquista francês ao leitor brasileiro, feita por Edson Passetti e Paulo-Edgar Almeida Resende, preparada para a coleção da Editora Ática e publicada em 1986, primeira (e única) grande introdução e sistematização de Proudhon no Brasil.

A partir dos anos 2000, sua análise serial aparece nas páginas de *verve*, não como simples memória, mas como continuidade da *série liberdade* em combate constante com as práticas, discursos e institucionalidades da *série autoridade*. Já no número 2 de *verve* encontram-se análises sobre sua “filosofia do progresso” com implicações na vida e na liberdade de homens e mulheres. Na edição seguinte, encontra-se a incontornável definição de governo presente no livro *Ideia Geral da Revolução no Século XIX*, publicado em 1851. Neste terceiro número há, também, registros e análises acerca de suas relações com a estética e com o pintor anarquista Gustav Courbet, seguidas de uma leitura inventiva da atualidade e das implicações de seus escritos nas rebeldias do presente. A relação entre



Proudhon e Courbet reaparece no número 24 de *verve* na forma de resenha da publicação em português de seu livro póstumo sobre o trabalho do autor de *A Origem do Mundo* e, mais uma vez, na presente edição.

Os anarquismos no Brasil, muito marcados pelos escritos de Mikhail Bakunin, Errico Malatesta e Piotr Kropotkin, demoraram a ler as obras de Proudhon. E mesmo hoje ele é visto por autores do Brasil e de outras partes, ligados aos ditos anarquismo organizado e social, como um autor “pré-movimento anarquista”, que teria sido “fundado” pela ala bakuninista da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores). Livros fundamentais para o pensamento social do século XIX, como *Sistema de Contradições Econômicas* ou *Filosofia da Miséria*, tiveram sua publicação em língua portuguesa apenas no início do século XXI. Como apontado por Resende e Passetti em 1986, Proudhon segue um *outsider*, mesmo entre alguns anarquistas. E nisso ele segue parceiro de *verve*, que marcou o lançamento da edição brasileira de *Filosofia da Miséria* com uma resenha publicada no número 4 e, no número seguinte, com artigo que assinalou as inventivas e potentes críticas proudhonianas à economia política, com destaque aos efeitos políticos do pauperismo e da miséria; a influência de seu pensamento nas realizações inéditas da Revolução Espanhola de 1936 estão registradas em *verve* 10.

A dimensão filosófica de Proudhon, por sua vez, é apresentada nos números 5, 9 e 13 de *verve*, com destaque à sua original dialética serial que recusa a síntese e mantém o campo de luta aberto às dimensões possíveis das práticas de liberdade. Sua originalidade atíça análises diferenciadas nos embates anarquistas contemporâneos. Como lembrado em *verve* 22, os escritos de Proudhon foram decisivos na



fundação da Internacional Libertária, em 1872, em St. Imier. Hoje, contudo, são por vezes negligenciados em favor das contribuições de Bakunin.

Os textos de Proudhon inéditos em português reaparecem nos números 10, 19 e 21. Em *verve* 10 está uma contundente contribuição de Proudhon sobre o princípio de associação, decisiva para as práticas anarquistas e seus embates históricos. Em *verve* 19 foi possível ler pela primeira vez em português um longo excerto do volumoso *A guerra e a paz*, seguido de uma nota biográfica em *verve* 21. Esse livro, publicado em 1861, foi um dos mais debatidos e rechaçados da obra de Proudhon. Nele, o anarquista francês afirma que a guerra é a grande legisladora da história humana: o “direito da força” é a energia fundamental para definir o que é moral ou legal – e, no sentido inverso, o pecaminoso e o criminoso – numa determinada época e sociedade. Tido por muitos no momento da publicação como uma ode à destruição da guerra foi, ao contrário, uma análise da impossibilidade de compreender a vida humana como terreno para a paz. Em *verve* não interessam os escritos como memória cívica e/ou efeméride, mas esse Proudhon guerreiro, destemido e *outsider*, sem ignorar suas renúncias e vacilações, especialmente no campo dos costumes.

Para Proudhon, a vida é uma “pequena guerra” cotidiana, um enfrentamento contra si e contra os outros, não necessariamente violento ou destrutivo. Trata-se, tão somente, do combate incessante entre ideais, posturas, vontades, contradições. A “pequena guerra” difere da “guerra do pauperismo”, da guerra entre Estados motivada pela defesa da propriedade privada e pela conquista de territórios e riquezas além das fronteiras nacionais. Na presente edição de *verve*, os



leitores de língua portuguesa encontram outro trecho desse incompreendido livro no qual Proudhon centra a análise das guerras entre Estados e das revoluções como efeitos do pauperismo, questionando as explicações jurídico-políticas das causas da guerra. A partir dessa perspectiva do “direito da força” e da “pequena guerra”, desdobraram-se reflexões sobre a atualidade do pensamento proudhoniano para uma análise das Relações Internacionais e do acontecimento da guerra, registradas nos números 16 e 19 de *verve*.

Agora, em sua edição de número 28, *verve* volta a Proudhon no ano em que se completam cento e cinquenta anos de sua morte, sem pretensão de conservação ou memória embolorada. O novo excerto de *A guerra e a paz* caminha lado a lado com as relações de Proudhon com Courbet: a vida como batalha, a arte como vida, a existência como infundáveis embates. Em *verve* Proudhon está e segue vivo, em movimento. Sem poupá-lo do combate franco, ele habita outros escritos não voltados diretamente para seus problemas e análises. O Proudhon que atravessa e interessa à *verve* não é canônico, nem “clássico”, nem “histórico”, nem maldito, mas um potente amigo estelar libertário, sempre presente, com quem se caminha em percursos vívidos e intensos, sem síntese ou final. Serial, *outsider* e incômodo aos guardiões do templo e dos históricos e combativos *escritos* que muitos procuraram transfigurar em “sagradas escrituras do anarquismo”. Não há medo de ser nocivo aos anarquismos e de expô-los à “pequena guerra” da vida que enfrenta o que as efemérides tentam pacificar. Nos fluxos dessa vida como batalha, saudamos Proudhon com *verve*.

**Escritos de Proudhon em *verve***

“Ser governado” [Idée generale de la révolution au XIX siècle], *verve* 3, 2003; “Sobre o princípio da associação”, *verve* 10, 2006; “A guerra e a paz”, *verve* 19, 2011; “Da guerra e da paz, uma nota biográfica”, *verve* 21, 2012.

Escritos sobre o Proudhon em *verve*

Natália Montebello, “Da filosofia do progresso”, *verve* 2, 2002; Pietro Ferrua, “Realismo e anarquismo na obra e vida de Gustave Courbet”, *verve* 3, 2003; Édson Passetti, “Rebeldias e invenções na anarquia”, *verve* 3, 2003; Paulo-Edgar Almeida Resende, “Hibridações, desarranjos, fusões e fissuras” [Resenha de *Sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria*], *verve* 4, 2003; José Maria Carvalho Ferreira, “Economia libertária e suas perspectivas”, *verve* 5, 2004; João Borba, “Um relativismo de base cética na dialética de Proudhon”, *verve* 5, 2004; Daniel Colson, “A filiação de Proudhon”, *verve* 9, 2006; Natália Montebello, “Invenções libertárias econômicas na Revolução Espanhola”, *verve* 10, 2006; Daniel Colson, “Nietzsche e o anarquismo”, *verve* 13, 2008; Thiago Rodrigues, “Guerra, libertarismo e relações internacionais”, *verve* 16, 2009; Thiago Rodrigues, “*A guerra, condição do homem*: nota sobre ‘a guerra e a paz’ de Proudhon”, *verve* 19, 2011; Nu-Sol, “Os 140 anos da internacional libertária: St. Imier 1872-2012”, *verve* 22, 2012; Gustavo Simões, “A origem de um mundo, dois amigos libertários” [Resenha de *Do princípio da arte e de sua destinação social*], *verve* 24, 2013.

